



Universidade da Amazônia

Sermão Segundo do Mandato

de Padre Antônio Vieira

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Sermão Segundo do Mandato

de Padre Antonio Vieira

Pregado no mesmo dia na Capela Real, às três da tarde.

Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, in finem dilexit eos .(1)

CAPÍTULO I

A batalha de Josué e a batalha do amor de Cristo. O cavaleiro armado do Apocalipse. O novo competidor do amor de Cristo: o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação. As duas proposições do sermão: no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens que parece amou mais aos homens que ao Filho; no dia de hoje amou Cristo tanto aos homens que parece amou mais aos homens que ao Padre.

Outra vez, Senhor, neste mesmo dia, outra vez torno a falar de vosso amor. Dobraram-se neste dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mistérios, encontrou-se consigo o mesmo amor, e, pois ele no mesmo dia duas vezes nos amou tanto, por que não diremos nós também duas vezes no mesmo dia, já que fizemos tão pouco? Vitorioso deixei hoje o amor de Cristo, mas ainda neste mesmo dia lhe resta muito que vencer. Josué, para acabar de vencer uma vitória, mandou parar o sol, e fez de um dia dois dias. Nós temos dois dias reduzidos a um só dia, e nem por isso receio apresentar hoje nova batalha, que nos não pode faltar luz onde o mesmo sol é o combatente. Josué disse que nem antes nem depois houve tão grande dia como aquele: *Non fuit antea nec postea tam longa dies* (Jo 10, 14). Mas o dia em que estamos — que também compreende o antes e o depois — pelo que foi e pelo que é, é muito maior dia. Uma só hora deste dia é muito maior que todo aquele, porque aquele era dia de Josué, e esta é hora de Jesus: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*.

Nesta hora, pois — que não será mais de uma hora — sairá outra vez em campo o amor de Cristo também de amor a amor, e de dia a dia. Viu S. João no seu Apocalipse sobre um cavalo-pombo um galhardo cavaleiro armado de arco e setas *Et ecce equus albus, et qui sedebat super illum habebat arcum*; logo viu que lhe punham uma coroa na cabeça: *Et data est ei corona* — e que assim coroado saiu já vencedor para vencer: *Et exivit vincens ut vinceret* (2). Por este cavalo branco entendem os intérpretes a sagrada humanidade, que sempre, como no Tabor, veste de neve. O cavaleiro armado de arco e setas, as mesmas insígnias dizem que é o amor, e não outro senão o amor do mesmo Cristo. Mas se já vinha vencedor e tinha recebido a coroa da vitória, por que sai outra vez a pelejar e vencer: *Exivit vincens ut vinceret?* — Porque o amor do nosso divino Amante, quanto compete em amar, como compete hoje — *cum dilexisset, dilexit* (3) — não se contenta com uma só coroa, nem com uma só vitória: coroa-se pare se tornar a coroar, e vence para tornar a vencer. Esta é a não imaginada empresa que o tira nesta hora, não ao mesmo, senão a outro major teatro. Esta manhã saiu a vencer a batalha; agora sai a vencer a vitória.

Mas, se na comparação de dia a dia e de amor a amor, o amor de Cristo esta manhã se competiu e se venceu a si mesmo, que novo ou que outro competidor pode haver maior, para que seja maior a competência e maior a vitória? É certo que só o Eterno Padre pode ser maior, do qual disse o mesmo Cristo: *Quia Pater major me est* (4). E porque este unicamente é o major competidor, o amor do Eterno Padre

no dia da Encarnação, e o amor de Cristo no dia de hoje, serão os dois altíssimos competidores que esta tarde veremos contender — com tanta glória sua como nossa — sobre qual deles amou mais aos homens. Em tudo o que Cristo, Senhor nosso obrou nos mistérios do Cenáculo, já vimos que teve sempre adiante dos olhos o dia da Encarnação e o dia de hoje: *Sciens quia a Deo exivit* (5): eis aí o dia da Encarnação, — *Et ad Deum vadit* (6): eis aí o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou um dia com o outro dia, assim também o Evangelista comparou um amor com o outro amor. Do amor do Padre no dia da Encarnação tinha dito o mesmo S. João: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret* (7): e do amor de Cristo no dia de hoje, contrapondo amor a amor, mundo a mundo e Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos* (8). O *in finem responde ao sic*, e o *sic* e o *in finem* significam com igualdade, e sem vantagem, o excesso de um e outro *dilexit*. Pondo, pois, de frente a frente, em competência igual, de uma parte um *dilexit* e da outra outro *dilexit*, de uma parte o amor do Padre no dia da Encarnação, e da outra o amor de Cristo no dia de hoje, a resolução de todo o combate em duas proposições será esta: no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho; e no dia de hoje amou Cristo tanto aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. Se alguém cuidar, entretanto, que isto é igualar, e não vencer, depois verá que da parte do amor de Cristo foi vencer, e com a maior vitória.

CAPÍTULO II

O preceito de morrer e padecer imposto ao Verbo feito homem. Os dois excessos do amor do Eterno Padre pelos homens: tirou de nós as culpas e as pôs em seu Filho, e tirou de seu Filho os merecimentos e os pôs em nós. O amor de Rebeca a Jacó. O pedido da mãe dos zebedeus e o cálix da Paixão.

Entrando nas nossas grandes proposições, e começando pela primeira, para inteira inteligência do que se há de dizer, é necessário supor, com a melhor e mais bem fundada teologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret* — não só no-lo não deu com liberdade de viver quanto e como quisesse, mas com preceito e obediência de morrer e padecer tudo o que padeceu por nó. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor, por boca de Davi: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus, volui, et legem tuam in medio cordis mei* (9) É neste dia — como outras muitas vezes — fez menção do mesmo preceito: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio* (10). E assim como no dia da Encarnação nos deu efetivamente o Eterno Padre seu Filho, assim no mesmo dia, e no mesmo instante, o carregou destas pensões e lhe pôs esta obediência, o que antes não podia ser, porque dantes o Verbo não era sujeito ao Padre, e, tanto que encarnou e se fez homem, sim.

Isto posto, já que não podemos compreender o amor divino pelo que é julgá-lo-emos pelo que parece. Digo, pois, que no dia da Encarnação amou tanto o Eterno Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret* (11). O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação é que desse por nós seu Filho, sendo único, e não tendo outro: *Filium suum unigenitum*. Se o Eterno Padre tivera dois filhos, muito fora dar um; e se dera um por outro, já tínhamos grande argumento para cuidar e nos parecer que amava mais este segundo que o primeiro. Dizei-me: se um

pai tivera dois filhos, um livre na pátria, e outro cativo em Argel, e para resgatar o cativo desse ou vendesse o livre, não entenderíamos todos que este pai amava mais o filho cativo que o filho livre? Claro está. E se este, que chamamos filho, não fora filho, senão servo, não faríamos ainda muito maior conceito do excessivo amor daquele pai? Pois isto é o que fez o Eterno Padre no dia da Encarnação. *Ut sernum redimeres, Filium tradidisti*: Estava o homem cativo pelo pecado: qui-lo resgatar o Eterno Padre, e que fez o seu amor? Vendeu o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido, amanhã vereis o servo resgatado.

Mais faz neste caso o Eterno Padre, e tanto mais, que bastava só a metade do que fez para todo o bom entendimento julgar que amou muito mais aos homens que ao Filho. O profeta Isaías, no capítulo cinqüenta e três, em que prova a geração inefável de Cristo, enquanto Filho do Eterno Padre: *Generationem ejus quis enarrabit* (12)? — pondera duas resoluções admiráveis do mesmo Padre, e que de nenhum pai se puderam crer em respeito de seu filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando, se haverá alguém que lhe dê crédito: *Quis credidit auditui nostro* (13)? E que duas resoluções foram estas? A primeira que, para nos livrar tirou as nossas culpas de nós, e as pôs em seu Filho: *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum* (14); a segunda que, para nos justificar, tirou os merecimentos do Filho e os pôs em nós: *Pro eo quod laboravit anima ejus; justificabit ipse justus servus meus multos* (15). Assim foi uma e outra coisa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós, e pó-las em seu Filho, porque nós não podíamos satisfazer à divina justiça por nossas culpas, e Cristo foi o que, tomando-as sobre si, satisfez por elas. E tirou os merecimentos de seu Filho, e pó-los em nós, porque Cristo não mereceu para si a graça nem a glória, nem nós alcançamos, nem podíamos alcançar uma e outra, senão pelos merecimentos de Cristo. Sendo, pois, certo e de fé, que o Padre tirou de nós as culpas, e as pôs em seu Filho, e tirou de seu Filho os merecimentos, e os pôs em nós, quanta fé é necessária para não crer que amou mais aos homens que ao Filho? Bastava só um destes dois excessos, ou a metade deles, como dia, para que todo o mundo o julgasse assim.

Rebeca tinha dois filhos, Jacó e Esaú; mas o que mais amava era Jacó: *Rebecca diligebat Jacob* (Gen 25, 28). E donde se prove este maior amor? Não só se prova das palavras da Escritura, que é a primeira fé, senão também das obras, que é a segunda. Todos sabemos que pertencendo a benção a Esaú, Rebeca com as suas indústrias a tirou a Esaú, e a pôs em Jacó. E mãe que tire a benção a um filho, cuja era, e a dá a outro filho, a quem não pertencia, e faz que o que Esaú tinha trabalhado, suado e merecido, que o logre Jacó a mãos lavadas e sem trabalho, claro está que a Jacó ama mais que a Esaú, antes que só a Jacó ama, que isso quer dizer a palavra do texto: *Rebecca diligebat Jacob*. Agora pergunto: e assim como Rebeca tirou a benção de Esaú e a pôs em Jacó, tirou também algumas culpas de Jacó para as pôr em Esaú? Não. Logo Rebeca não fez, não arremedou por amor de Jacó mais que a metade do que fez o Eterno Padre por amor de nós, porque Rebeca só tirou a benção a Esaú para a pôr em Jacó, e o Eterno Padre tirou a benção do Filho para a pôr no homem, e tirou a culpa do homem para a pôr no Filho. Pois, se a metade só, ou uma semelhança de a metade do que fez o Padre pelos homens, bastou para provar, e ser de fé, que Rebeca amava mais a Jacó que a Esaú, dobrada prova tinha a nossa razão, para cuidar que amou mais o Padre os homens que a seu Filho. Não foi assim, porque ensina o contrário a fé, mas esteve tão perto de o ser, que parece que o foi. Vamos a outros filhos.

Os excessos, a que o amor do Padre sujeitou e obrigou a seu Filho no dia da Encarnação, foram tão superiores, tão opostos e tão verdadeiramente contrários a

tudo o que o amor paternal intenta, ainda quanto mais empenhado, que para os entender é necessário fingir. Quando os filhos do Zebedeu pretenderam as duas cadeiras do reino de Cristo, e o Senhor lhes respondeu que, para subir à cadeira, era necessário beber o cálix, se o amor da mãe, que fez a petição, fora tão desigual como o de Rebeca, pudera replicar desta maneira: — Aceito, Senhor, o despacho, como tão próprio de vossa divina justiça, mas para que ela se mantenha em todo seu vigor, e a esperança, que me trouxe a vossos pés, não fique de todo frustrada, suposto que os meus filhos são dois, parta-se entre ambos a minha petição, e também o vosso despacho. Mereça um com o trabalho, e logre o outro o prêmio; beba um o cálix, e suba o outro à cadeira assente-se na cadeira João, e beba o cálix Jacobo. — Se assim replicara a mãe dos Zebedeus, não havíamos de entender que amava mais a João que ao outro filho? É sem dúvida. E posto que eu não digo que entendamos o mesmo do amor do Padre, digo, porém, que saibamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da glória, segundo as leis e decretos da divina justiça, era necessário que o cálix da Paixão se bebesse primeiro. E que fez o amor do Padre? Partiu o cálix e a cadeira entre o Filho e o homem, e o homem quis que subisse à cadeira, e o Filho que bebesse o cálix. Assim o disse o mesmo Filho, falando de si e do Padre: *Calicem, quem dedit mihi Pater non vis ut bibam illum* (16)? E que não seja isto amar mais ao homem que ao Filho? Tanta fé é necessária para crer que nos não amou mais, como para crer que fez tanto.

Mas vamos com a parábola, ou com o fingimento por diante. A mãe dos Zebedeus, como amava tanto a um filho como ao outro, não pediu aquela partilha; mas se ela a pedira, e o Senhor lha concedera, e Jacobo replicara uma e muitas vezes que, pois João havia de levar a cadeira, bebesse também João o cálix, e não ele, e a mãe, contudo, estivesse inexorável a todas estas réplicas, e, sem nenhum movimento de piedade, persistisse na mesma resolução de que Jacobo bebesse o cálix, e, finalmente, o obrigasse a isso, não se provaria nesta segunda instância, ainda com maior evidência, que amava mais a João? Pois este é o caso em que estamos, e assim o executou o Padre com seu Filho. Estando Cristo no Horto deu licença à parte inferior da alma a que falasse por boca da natureza e exprimisse todos os seus afetos; e o que disse foram estas palavras: *Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc a me*: (Mc 14, 36 — Mt 26, 39): Pai meu, tudo vos é possível, e, se é possível que eu não padeça, transferi de mim este cálix. — Da mesma palavra transfer usa S. Lucas (Lc 22, 42), e transferir é passar de um lugar para outro lugar ou de uma pessoa para outra pessoa. Onde se vê que Cristo não pedia que o mundo se não remisse, nem que o cálix se suspendesse ou derramasse, mas que não fosse ele o que o bebesse, senão outro em quem se transferisse: *Transfer calicem hunc a me*. — Por isso alegava a possibilidade desta comutação, porque, como resolvem os teólogos, ainda que, para satisfação de rigor de justiça, era necessário que o homem que houvesse de satisfazer fosse juntamente Deus, de liberalidade, porém e de graça, bem podia Deus aceitar a satisfação de um puro homem. Falando, pois, Cristo neste sentido, a sua petição foi como se dissesse: — Já que o homem pecou, pague ele pelo seu pecado, e já que há de ir à glória que lhe não é devida, beba ele o cálix, para que de algum a mereça. Beba ele o cálix, outra vez, e não eu, que nunca pequei, e sou a mesma inocência. Beba ele o cálix, e não eu, a quem não é necessário ganhar ou merecer a glória, pois que é minha. — E que sendo esta petição tão justificada, e de matéria não impossível, e fazendo-a o Filho três vezes, com tanta aflição e eficácia, que chegou a suar sangue, que o Padre, contudo, invocado como Pai, não ouça a primeira oração, nem ouça a segunda, nem ouça a terceira, e que resolutamente queira e mande que, para que o homem se assente na cadeira, beba o Filho o cálix, e, para que

o homem pecador triunfe, o Filho inocente padeça, excesso foi de amor, que excede toda a admiração. E que à vista de tudo isto haja de cuidar o entendimento humano que, no dia em que este decreto se intimou a Cristo — que foi o dia da sua Encarnação — o Padre, que assim o ordenou, não amasse mais aos homens que ao Filho?

CAPÍTULO III

O sacrifício do filho de Abraão e o sacrifício do Filho de Deus.

Ora, Senhor, eu já não quero discorrer com suposições nem argumentos humanos, mas quero que vós mesmo nos digais vosso parecer, para que veja-mos e vejais quão bem fundado e o nosso. Quis Deus averiguar por experiência a qual de dois amava mais Abraão: se ao mesmo Deus, se a seu filho Isac. A razão de fazer esta prova era muito bem fundada, porque há muitos pais que amam mais os filhos que a Deus, e Abraão verdadeiramente amava muito aquele filho. E que meio tomou Deus para experimentar qual era o mais amado? Todos sabemos o caso. Manda a Abraão que lhe sacrifique a Isac: *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, et offeres eum in holocaustum* (17). O quem diligis mostrava bem o motivo do sacrifício. Toma, pois, Abraão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, e põe-no sobre a lenha, tira pela espada. — Basta, diz Deus, já estou satisfeito: *Nunc cognovi quod times Deum, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me* (18): Não perdoaste a teu filho, e quiseste-o sacrificar por amor de mim? Claro está que me amas mais a mim que a ele. — Pois se isto, Senhor, vos pareceu a vós, por que me não parecerá a mim o que digo? Não é o parecer meu, é vosso. Vós dizeis de Abraão: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me* (19) — e S. Paulo diz de vós: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum* (20). Se querer sacrificar o pai ao filho por amor de Deus é amar mais a Deus que ao filho, sacrificar Deus com efeito ao Filho por amor dos homens, por que não será amar mais aos homens que ao Filho? Eu não posso dizer que é assim, mas Deus não pode dizer que o não parece. Deus disse: *Nunc cognovi* (21) — e nós podemos dizer o mesmo, e com muito maior razão. Abraão quis sacrificar o filho, mas não o sacrificou; o Padre quis sacrificar o Filho, e sacrificou-o: Abraão pôs o filho sobre a lenha, mas não lhe meteu o ferro: o Padre pôs o filho sobre a cruz, e pregou-o nela com três cravos até dar a vida; Abraão, se deu um filho, ficava-lhe outro: o Padre deu um Filho, mas não tinha outro, nem o podia ter; o amor de Abraão foi forçado com o preceito: o amor do Padre foi livre e espontâneo; o amor de Abraão foi misturado com temor: *Nunc cognovi quod times Deus* — o amor do Padre todo foi amor, porque não tinha a quem temer, e só temeu que os homens se perdessem, que foi maior circunstância de amor. Pois, sendo tanta a diferença de Pai a pai, de Filho a filho e de amor a amor, se dar Abraão o filho por amor de Deus foi amar mais a Deus que ao filho, dar Deus o Filho por amor dos homens, por que não será amar mais aos homens que ao Filho? Parece-o tanto, que é necessário que a fé nos feche os olhos, para crer que não foi assim.

Viveu, enfim, Isac, mas nem por isso deixou Deus de aperfeiçoar o sacrifício: e como? Com um cordeiro que ali apareceu preso pela cabeça entre uns espinhos: *Arietem inter vepres haerentem cornibus* (22). Este, diz o texto, que sacrificou Abraão em lugar do filho: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio* (23) — e assim acabou em alegria aquela famosa tragicomédia. Mas se neste último ato dela me fora lícito perguntar a Deus, perguntara-lhe eu duas coisas: a primeira, se amava mais a este cordeiro, que ali trouxe milagrosamente para ser sacrificado, ou a Isaac, a quem tirou da

garganta a espada do pai, e livrou do sacrifício? É certo que havia de responder Deus que mais amava a Isac que ao cordeiro. E sobre esta resposta, a segunda coisa que eu havia de perguntar é quem era aquele Isac e quem era aquele cordeiro? E também é certo que me havia de responder Deus que Isaac era figura do homem que estava condenado a morte, e o cordeiro coroadado de espinhos e sacrificado, figura de seu Filho, que morreu para que o homem não morresse. Pois, se Isac foi mais amado que o cordeiro, e o cordeiro era figura do Filho, e Isac figura do homem, por que não entenderemos nós, e se nos afiguraré, quando menos, que quando o Padre matou o Filho, para que o homem vivesse, amou mais ao homem que ao Filho?

CAPÍTULO IV

A notável demanda das duas mulheres diante de Salomão e o amor do Eterno Padre ao filho morto. A destreza da paternidade no apólogo de Sedulio. Barrabás, filho do padre, propriíssima figura do primeiro homem. As invejas e ciúmes do amor do Pai figurados na parábola do Filho Pródigo. Cristo, banquete do filho pródigo.

É tanto assim verdade que, postos neste ato de uma parte os homens e da outra o Filho, e o Padre entre ambos, dos homens parece que era Pai, e do Filho não. É juízo humano, mas de sabedoria divina. Vieram duas mulheres diante de Salomão, com uma demanda notável. Traziam consigo dois meninos, um morto, outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. Que faria o grande rei nesta perplexidade? *Dividite infantem vivum* (3 Rs 3, 25): Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte. — Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu e disse, parta-se, a outra não consentiu, e disse viva o merino, e leve-o embora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãe? A que disse viva o merino. Assim o julgou Salomão, e assim era, porque a que disse morra mostrou que não amava; a que disse viva provou que amava, e da que amava o menino desta era filho. Voltemos agora o passo, e venha a juízo o amor do Eterno Padre. No dia da Encarnação estava o homem morto, e o seu Filho vivo; e o Eterno Padre que disse? Disse: morra o Filho, pare que viva o homem. Morra o Filho, e viva o homem? Logo do homem é Pai, e do Filho não. Ali está o amor, e não aqui. A mãe do vivo amava-o tanto que o quis vivo, ainda que ficasse alheio: a mãe do morto amava-o tão pouco que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Padre, sendo Pai do vivo, amou tanto o morto, que quis que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vede se amava mais ao homem que ao Filho, e se do homem parecia Pai e do Filho não. Se assim o havia de julgar Salomão, que muito é que a mim mo pareça?

Sedulio, padre antigo, e poeta ilustre da lei da graça, conta um caso admirável. Foi à caça um famoso tirador da Tessália, e deixou um filho pequeno ao pé de uma árvore, enquanto se meteu pelas brenhas. Quando tornou, viu que estava enroscada uma serpente no menino. E que conselho tomaria o pai em um caso tão perigoso? Se atirava a serpente, arriscava-se a matar o filho; se lhe não atirava, mordida a serpente o menino e matava-o. A resolução foi que embebeu uma seta no arco e mediu a corda com tanta certeza, e pesou o impulso com tanta igualdade que, matando a serpente, não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro, e diz assim: *Ars fuit esse patrem: Não cuide ninguém que foi isto destreza da arte: foi ser pai.* — Aquela serpente do paraíso enroscou-se em Adão e enroscou-se em Cristo: em Adão, porque foi o autor da culpa; em Cristo, porque tomou a culpa de Adão sobre si. Quis o Eterno Padre matar a serpente, mas como se houve? Faz um

tiro a serpente, que estava enroscada do homem, mata a serpente, e não toca no homem; faz outro tiro a serpente que estava enroscada no Filho, mate a serpente e passa de parte a parte o Filho. Pois ao Filho mata, e ao homem não toca? Sim. Ao Filho atirou com tão pouco reparo, como se não fora seu Filho, e ao homem com tanto tento, como se fora seu Pai: *Ars fuit esse patrem*. Se o amor se há de julgar pelas setas, na do homem mostrou o Padre que era Pai, na do Filho que o não era. No dia de amanhã se viu isto mesmo publicamente e em próprios termos.

Quando Cristo e Barrabás foram propostos por Pilatos à eleição do povo, clamou o mesmo povo, solicitado pelos príncipes dos sacerdotes: — Morra Cristo, e viva Barrabás. — Grande injustiça, mas muito maior mistério, diz Santo Atanásio. E qual foi? Que logo na primeira sentença com que Cristo foi condenado à morte, se visse publicamente, nos efeitos dela, que morria e era condenado para dar vida e absolver condenados. *O res mira, praeterque omnem opinionem. Subit sententiam mortis Christus, et statim Barabbas absolvitur. Condemnationis ingressus liberationis condemnatorum quidam ingressus fuit*. O povo, que costumava ser voz de Deus, sem entender o que diziam as suas vozes, foi o pregoeiro da sentença do Padre, que primeiro tinha dito: — Morra meu Filho, e viva o homem. — E vede como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso, que na de Barrabás. Barrabás, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida, e por isso propriíssima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fruto da árvore vedada, e homicida, matando-se a si e a todos seus descendentes. E quando o Padre mata e condena o Filho para dar vida e absolver o homem, qual deles diremos que é o Filho do Padre? Digo confiadamente que não é, segundo parece, o Filho, senão o homem. Pois o homem, representado em Barrabás, ou o mesmo Barrabás é o Filho? Sim, e outra vez sim, com milagrosa propriedade, porque Barrabás na língua hebraica quer dizer: *filius patris*: o filho do padre: *Barabbas filius patris latine dicitur*, diz Santo Ambrósio (24). E a razão da etimologia é porque *bar* em hebreu quer dizer filho, e *abbas* quer dizer pai. De sorte que quando o Filho é condenado, para que o homem se livre, e quando o Filho morre, pare que o homem viva, então o homem se chama filho do Padre: *filius Patris* — porque o homem verdadeiramente, neste caso, o homem parece que é o filho do Padre, e o Filho não.

Ah! Filho de Deus, que não sei se me compadeça de vós! O certo é que se de Deus pudera haver ciúmes, e no Filho de Deus pudera haver inveja, caso e ocasião era esta em que Cristo pudera ter invejas dos homens e ciúmes do amor de seu Padre. O mesmo Cristo o disse, ou descreveu — assim. Quando o pai recebeu o filho Pródigo com tanta festa, e matou o vitelo regalado — que eram as delícias naturais daquele bom tempo — para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fora, e teve notícia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso que, para entrar em casa, foi necessário que o pai saísse a o buscar e dar-lhe satisfações. E quem era este pai e estes dois filhos? O pai era o Eterno Padre; o Filho mais velho, Cristo que, enquanto Deus, foi gerado ab aeterno; e o filho mais moço o homem, que foi criado em tempo. Pois, se o Filho mais velho era Cristo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pai fez ao mais moço, que não só parece lhe tem inveja, senão ainda ciúmes do amor do mesmo pai? A razão, é porque, consideradas todas as circunstâncias do mistério da Encarnação do Verbo e redenção do gênero humano, são tais os excessos que Deus fez pelo homem, e a diferença com que tratou a seu Filho, que, se o Filho de Deus fora capaz de invejas, e no amor de Deus houvera lugar de ciúmes, tivera o Filho grandes ciúmes do amor do Padre, e grandes invejas também ao favor e regalo com que tratou os homens.

O regalo do vitelo morto para o banquete é o de que o filho maior se mostrou mais queixoso, e o que particularmente lançou em rosto ao pai. Mas tende mão, magoado e inocente filho, tende mão na vossa justa dor e sentimento, que a ocasião da queixa, do ciúme e da inveja ainda se não declarou nem mostrou até onde há de chegar. Dizei-me se, em lugar do vitelo, que vosso pai matou para vosso irmão, vos matara a vós, para da vossa carne e do vosso sangue lhe fazer um novo prato, que excesso nunca visto seria este? Pois, sabeis que assim há de ser, e que dessa mesma carne e desse mesmo sangue, que hoje tomastes, lhe há de guisar a onipotência, a sabedoria e o amor de vosso Padre um tão esquisito manjar, que não tenha comparação com ele o maná do céu. Assim foi, e assim o confessou o mesmo Cristo, publicando que a instituição do Sacramento, antes de ser obra sua, fora dádiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de caelo, sed Pater meus dat vobis panem de caelo verum (25)*. A tanto chegou, a tanto se estendeu o dilexit do Padre no dia da Encarnação, e tanto deu aos homens quando lhes deu seu Unigênito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*.

CAPÍTULO V

No dia de hoje amou tanto o Filho aos homens que parece amou mais aos homens que ao Padre. O dilexit da Encarnação e o dilexit do Cenáculo. Se o mesmo Cristo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a ocasião, com tão diferentes títulos, como neste dia muda o evangelista de estilo, e aos homens chama somente seus e ao Padre não? O recado de el-rei Ezequias ao profeta Isaías. Como anunciaram os profetas de Betel a Eliseu a partida de Elias?

Mas, se no dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora um dia a outro dia, e um amor a outro amor, vejamos também como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E, posto que o dilexit daquele primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais ampla e copiosa matéria, com as obediências então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuções se estenderam até a hora da morte, à qual principalmente se ordenaram, e, pelo contrário, o dilexit deste dia se estreita e limita somente às ações de poucas horas, sem mais teatro que o de um Cenáculo, nem mais campo que o de um Horto, espera, contudo, o amor de hoje confiadamente que, sem sair da estacada, há de correr e quebrar as lanças com tal esforço que se lhe não duvide a vitória.

Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos (26). O que muito se deve reparar nestas palavras do Evangelista, é que ao Padre chama somente Padre, e não lhe chama seu, e aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome. Ao Padre. chama somente Padre, e não lhes chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem (27)*; aos homens chama somente seus, e não lhes dá outro nome: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos*. — Em quase todas as páginas do Evangelho chama Cristo a seu Padre meu Padre, e do mesmo modo aos homens com que tratava, umas vezes lhes chama servos, outras discípulos, outras amigos, outras filhos. Pois, se o mesmo Cristo a seu Padre chamava seu, e aos homens nomeava variamente, segundo o pedia a ocasião, com tão diferentes títulos, como neste dia sinaladamente — *Ante diem festum Paschae (28)* muda o evangelista de estilo, e com termos nem antes nem depois usados, aos homens chama somente seus: *Suos qui erant in mundo* — e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad*

Patrem? — O certo é que S. João, como secretário do peito e amor de Cristo, não saiu neste dia com uma novidade tão singular, sem muito grande e bem fundada causa. Qual esta fosse, não me toca a mim hoje especular: o que só pertence a meu intento é dizer o que parece. Digo, pois, que esta palavra seu, quando não significa domínio, senão especialidade — como aqui — não só é denominação de amor, senão de maior amor. Apertado el-rei Ezequias pelos exércitos dos assírios, mandou pedir ao profeta Isaías que encomendasse a Deus aquela grande necessidade, e o consultasse nela: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rabsacis, quem misit rex Assyriorum ad blasphemandum Dominum Deum viventem et exprobandum sermonibus quos audivit Dominus Deus tuus* (29). Estas foram as palavras do recado, nas quais é muito para notar que pede o rei a Isaías, não só que encomende o caso a Deus, senão ao seu Deus: seu de Isaías, e não seu do mesmo rei: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus; quos audivit Dominus Deus tuus*. El-rei Ezequias e o profeta Isaías ambos criam e adoravam o mesmo Deus verdadeiro. Pois, se o Deus do rei e o do profeta era o mesmo, por que se chama Deus seu do profeta, e não Deus seu do rei? A razão literal é porque esta denominação de seu não se funda só na fé, senão no amor. Neste sentido dizia Santo Agostinho: O Deus, utinam possem dicere meus! Chamo-vos Deus, porque vos creio, mas não me atrevo a vos chamar meu, porque vos não amo. — Porém esta razão, ou exceção, não tinha lugar em Ezequias, porque Ezequias era rei santo, e amava muito a Deus. Pois, se Ezequias também amava a Deus, por que lhe não chama meu, ou nosso, senão seu, de Isaías: Deus tuus? Porque Isaías, como profeta de tão singular e levantado espírito, amava e era amado de Deus muito mais que o rei, e que todos quantos então havia em Israel, e este nome, ou título de seu, não só é denominação de amor, senão de maior amor, nem só significa ser amado, senão mais amado.

É tão certa e tão geral esta regra — para que se não duvide dela, nem pela parte do Padre, nem pela nossa — que não só se verifica do amor para com Deus, senão também do amor para com os homens. Quando Deus houve de levar para o céu a Elias, assim os profetas de Betel, como os de Jericó, disseram a Eliseu pelas mesmas palavras: *Nunquid nosti, quia hodie Dominus tollet dominum tuum a te* (4 Rs 2, 3)? Sabes que hoje há Deus de levar para si a teu senhor?— Assim chamavam por reverência a seu mestre. Mas, se Elias, mestre de Eliseu, também era mestre de todos os outros profetas que viviam naqueles desertos, por que não chamaram a Elias nosso mestre, senão seu de Eliseu: *dominum tuum*? Era de todos, e só de Eliseu era seu? Sim, porque entre todos os discípulos, o que mais amava, e o mais amado de Elias, era Eliseu; e este nome ou prerrogativa de seu, é tão própria e singular do maior amor que, sendo Elias seu mestre de todos, de Eliseu só era seu, e dos outros não. Por isso, em confirmação do mesmo amor e da mesma singularidade, não disseram que Elias os havia de deixar a eles, senão a ele: *tollet a te*. E como o ser seu ou não ser seu é o mesmo que ser ou não ser o mais amado, vendo nós hoje que, falando S. João do amor de Cristo, aos homens chama seus: *Suos, qui erant in mundo* — e ao Padre não chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* — que havemos de argüir ou inferir desta diferença? Porventura havemos de inferir que ao Padre, que se não chama seu, amou Cristo menos, e aos homens, que se chamam seus, amou mais? Nenhum cristão é tão ignorante que lhe houvesse de vir ao pensamento tal erro. Mas uma coisa é o que é, outra o que parece. Sempre Cristo infinitamente, e sem nenhuma comparação, amou mais ao Padre que aos homens; porém, neste dia em que o evangelista singularmente lhes chama seus, foram tais os extremos de amor que o mesmo Filho de Deus fez por eles, que parece amou mais aos homens que ao Padre.

CAPÍTULO VI

A primeira ação de Cristo neste dia: o lavatório dos pés. O Padre estimou tanto ao Filho que tudo quanto tinha pôs nas mãos do Filho, e o Filho estimou tanto aos homens que, com tudo o que o Padre lhe tinha posto nas mãos, pôs as mesmas mãos aos pés dos homens. A diferença que vai entre entregar nas mãos e por aos pés. Por que o único Pródigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre? A segunda ação de Cristo: a Eucaristia, sacramento para os homens e sacrifício para o Padre. A união de Cristo com o Padre e a união de Cristo com os homens. As quatro partes do sacrifício. Assim como Deus não aceita a oferta do homem, antes de o homem estar reconciliado com o próximo, assim Cristo não se une ao Padre, antes de o Padre se reconciliar com os homens.

Ora, discorramos por tôdas as ações de Cristo neste mesmo dia. sem sair dele, e veremos como todas confirmam este parecer. Quando o amoroso Senhor deu princípio à primeira, que foi lavar os pés aos discípulos, nota e pondera o Evangelista que se deliberou o Divino Mestre a uma ação tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Padre lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, coepit lavare pedes discipulorum* (30). Muitas outras vezes se faz menção no texto sagrado deste tudo dado a Cristo por seu Eterno Padre: *Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Omnia quaecumque habet Pater, mea sunt. Omnia quae dedisti mihi, abs te sunt* (31). E em outros muitos lugares. Pois se tantas vezes se repete que o Padre deu tudo a seu Filho, por que razão só neste lugar se diz que esse tudo lho pôs nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*? Sem dúvida pela correspondência e oposição que têm as mãos com os pés. O intento do evangelista era encarecer o amor de Cristo neste dia para com os homens, e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens, com aquelas mesmas mãos em que o Eterno Padre tinha posto tudo, parece que levantava tanto a baixeza da mesma ação, que chegava a tocar no Padre. Por isso disse Pater, com grande advertência. Bem pudera o evangelista dizer Deus, como logo continuou: *Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit* (32) — mas disse nomeadamente Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus* — para, assim como contrapôs as mãos aos pés, contrapor também o Padre aos homens. E verdadeiramente nesta oposição de mãos a pés, e de Padre a homens, parece que foram mais amados os homens, que o mesmo Padre.

O amor todo é estimação. E quem haverá que, vendo ao Filho de Deus lavar os pés aos homens com aquelas mesmas mãos em que o Padre tinha posto tudo, não lhe pareça que a olhos vistos fez mais estimação o Filho dos pés dos homens que das dádivas do Padre? O Padre estimou tanto ao Filho que tudo quanto tinha pôs nas mãos do Filho: *Omnia dedit ei Pater in manus* (33) — e o Filho estimou tanto aos homens que, com tudo quanto o Padre lhe tinha posto nas mãos, pôs as mesmas mãos aos pés dos homens: *Coepit lavare pedes discipulorum* (34). — Notai este modo de lavar, que foi muito diverso do que costuma ser. Não lavou os pés aos homens com as mãos vazias, senão com as mãos cheias. Assim lavou, e assim havia de lavar, porque assim lava Deus. Deus quando lava, não só alimpa, mas enriquece: alimpa, porque nos tira as manchas da culpa, e enriquece, porque juntamente nos enche dos tesouros da graça. Assim que, sendo Deus o que lavava os pés aos discípulos, claro está que não havia de ser com as mãos vazias, senão cheias. Mas, se estavam cheias de tudo o que nelas pôs o Padre, e essas mesmas mãos põe Cristo debaixo dos pés dos homens, como se não há de entender que estima mais os mesmos pés, que tudo quanto o Padre lhe pôs nas mãos?

Dos cristãos da primitiva Igreja diz S. Lucas que tudo quanto tinham vendiam, e punham o preço aos pés dos apóstolos: *Afferebant pretia eorum quae vendebant, et ponebant ante pedes apostolorum* (Act 4, 34 s). E por que lho punham aos pés, e não lho entregavam nas mãos, se era o preço de tudo? Para mostrar, diz S. Crisóstomo, que estimavam mais os pés dos apóstolos que tudo quanto davam e quanto tinham. Entregar-lho nas mãos seria fazer estimação do que davam; pôr-lho aos pés era protestar veneração das pessoas, e, como estimavam mais as pessoas que as dádivas, por isso lhas punham aos pés, e não lhas davam nas mãos: *ponebant ante pedes apostolorum*. Ó dádivas do Padre! Ó pés dos homens! Ó amor e estimação de Cristo! O Padre deu tudo quanto tinha ao Filho, e não lho pôs aos pés, senão nas mãos, porque estimou o que lhe dava quanto a mesma dádiva merecia, pois era tudo quanto tinha Deus. E que este tudo do Padre, de que estavam cheias as mãos do Filho, o pusesse o Filho, e mais as mesmas mãos aos pés dos homens!

O que podia daqui inferir o discurso, se não tivesse mão nele a fé, é que prezou Cristo mais os pés dos homens que as dádivas do Padre. Mas o certo, e a verdade, é que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho sumamente as dádivas de seu Padre, tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porém, esta mesma estimação não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso, porque dele se infere estima com sobre estimação, e amor sobre amor. Quando a Madalena pôs aos pés de Cristo os alabastros, os unguentos, os cabelos, os olhos, as lágrimas, as mãos, a boca, e a si mesma, não foi porque não estimasse tudo isto, senão porque tudo isto era o que mais estimava. E que consequência tirou dali, não outrem, senão o mesmo Cristo? *Quoniam dilexit multum* (35). — De pôr tudo o que mais estimava, e a si mesma, a seus pés, inferiu o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era, porque quando o que se preza muito em um amor se põe aos pés do outro, então se prova que este segundo é maior. Logo, se assim o inferiu Cristo, por que não inferiremos nós o mesmo? Se tudo quanto o Padre pôs nas mãos do Filho, e as mesmas mãos e a si mesmo, prostrado em terra, põe o Filho aos pés dos homens, como não há de parecer que os homens são os que mais estima, e os homens os que mais ama?

Para declarar o amor do Padre, foi-nos necessário fingir parábolas; para inferir o do Filho não é necessário fingi-las, basta aplicar uma e sua. Quando o filho Pródigo, em serviço de outro amor, empregou quanto tinha recebido de seu pai, e sua própria pessoa, até se abaixar às maiores vilezas de servo, não é certo que amou mais a quem se tinha rendido que a seu pai? Pois este pródigo foi Cristo, diz Guerrico Abade, e depois dele Guilherme, ainda com maior energia: *Quis unicus prodigus invenitur, sicut ille unigenitus Patris* (36)? O único pródigo que houve no mundo foi o Filho do Eterno Padre.

— E por que Pródigo e único? Pródigo, porque se pareceu com o Pródigo, e único, porque o excedeu. Pareceu-se com o Pródigo, porque assim como o Pródigo tudo quanto tinha recebido do pai, e a si mesmo, empregou em serviço e amor de quem o não merecia, assim Cristo, com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, e com sua própria pessoa, serviu e amou aos homens e — para que a parábola ficasse inteira — a homens pecadores. E excedeu muito o mesmo Pródigo, porque o Pródigo, obrigado da fome, foi buscar o pão à casa do pai, e Cristo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo, e fez-se pão; o Pródigo arrependeu-se do seu amor, e pediu perdão do que tinha amado, e Cristo não se arrependeu jamais, mas perseverou constante no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos*.

Do ministério humilde do lavatório, passou o Senhor ao mistério altíssimo do Sacramento, e aqui se declarou seu amor muito mais por parte dos homens. E por que? Porque para o Padre instituiu o Sacramento como sacrifício: para os homens instituiu o sacrifício como sacramento, e, posto que o mistério seja o mesmo, maior amor se argúi dele enquanto Sacramento que enquanto sacrifício. Como sacrifício consome-se: como Sacramento conserva-se; como sacrifício é ação transeunte: como Sacramento permanente; como sacrifício tem horas do dia certas: como Sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite; como sacrifício não se aparta do altar, e de sobre a ara: como Sacramento sai às ruas, e entra em nossas casas; como sacrifício, enfim, tem por fim o culto e adoração do Padre: como Sacramento, a presença, a assistência e a união com os homens. Vede a diferença do amor na mesma instituição e na mesma mesa, que foi a mesa e o altar: Tibi — ao Padre — gratias agens. Discipulis — aos homens — accipite, et comedite: Ao Padre deu as graças, aos homens fez o banquete; ao Padre ofereceu-se, com os homens uniu-se. E como se uniu? É tal a união que os homens contraem com Cristo no Sacramento que, comparada com a mesma união que o filho tem com o Padre, se a não excede enquanto união, excede-a muito enquanto amorosa. Revelando Cristo a união altíssima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est.* (Jo 14, 10): Eu estou no Padre, e o Padre está em mim. — E declarando a união que tem com o homem no Sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet, et ego in illo* (Jo 6, 57): Ele está em mim, e eu nele. — E qual destas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre é maior em gênero de união, porque é unidade; porém, a que Cristo tem com o homem no Sacramento é maior em gênero de amorosa, porque a fez o amor. Pois, a união que tem o Filho com o Padre não a fez o amor? Não, porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna antecedente a todo ato da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho: a do Filho é obra do entendimento do Padre. O Filho está no Padre, e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu; e nós estamos em Cristo, e Cristo em nós, porque o Filho nos amou. Logo, ainda em comparação da união que o Filho tem com o Padre, vence, sem controvérsia nem batalha, o amor dos homens.

Isto no sacramento enquanto sacramento. E passando ao sacrifício enquanto sacrifício, digo que também o mesmo sacrifício se ordenou a maior união de Cristo com os homens, que do mesmo Cristo com o Padre. Santo Agostinho, distinguindo esta união, e admirando o amor de Cristo nela, depois de advertir que todo o sacrifício se compõe de quatro partes: *Quid offeratur, a quo offeratur, cui offeratur, pro quibus offeratur* (37): quem oferece, o que oferece, a quem oferece, e por quem oferece — diz que o fim que Cristo teve no admirável invento do seu sacrifício, foi fazer que todos estes quatro, por meio dele, fossem uma só coisa: *Ut idem ipse unus, versusque mediator per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret cui offerebat; unum in se faceret, pro quibus offerebat: unus ipse esset, qui offerebat, et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho pudera penetrar os íntimos secretos de tão intrincado e bem tecido labirinto de amor. No sacrifício do altar, quem oferece é Cristo, o que oferece é seu corpo, a quem oferece é o Padre, por quem oferece são os homens. E como pode ser que todos estes quatro em um só sacrifício se unam de tal sorte que sejam uma e a mesma coisa? Deste modo. Para que Cristo, que é o sacerdote que oferece, fosse — a mesma coisa com o sacrifício, fez que o sacrifício fosse de seu corpo; para que os homens, por quem se oferece, fossem a mesma coisa com o sacrifício e com o sacerdote, fez que os homens o comessemos; e para que o Padre, a quem se oferece, fosse a mesma coisa com os homens e com Cristo, fez que por meio do mesmo sacrifício se reconciasse o Padre

com os homens. Só o amor onipotente podia inventar um bocado, em que, sendo um só o que o come, fossem quatro, e tais quatro os que ficassem unidos.

Agora pergunto eu: e nesta união tão maravilhosa como verdadeira, à qual Cristo ordenou o mesmo sacrifício que oferecesse ao Padre, quem são os que ficam mais unidos a Cristo, o Padre, ou os homens? Não há dúvida que os homens. Porque a nossa união com Cristo é imediata e direta: a união do Padre com o mesmo Cristo é mediata e reflexa. A nós uniu-os Cristo imediatamente a si: ao Padre uniu-se o mesmo Cristo por meio de nós. Porque o Padre se uniu a nós, por isso Cristo se uniu ao Padre. De sorte que a união de Cristo com o Padre foi o efeito, e a união do Padre conosco foi o motivo. Tornai a ouvir as palavras de Agostinho, e ouvi-as com atenção: *Ut ipse unus per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret, cui offerebat*: Ofereceu-se Cristo ao Padre em sacrifício, para que, por meio do mesmo sacrifício, reconciliando-se o Padre com os homens, se unisse Cristo ao mesmo Padre. — Pois, para Cristo se unir ao Padre, é necessário que o Padre primeiro se una aos homens e se reconcilie com eles? Sim, que debaixo destas condições ama Deus quando parece que antepõe o amor dos homens ao seu amor. *Si offers munus tuum ad altare, et ibi recordatus fueris quia frater tuus habet aliquid adversum te: vade prius reconciliari fratri tuo, et tunc offeres munus tuum* (Mt 5, 23 s): Se tiveres posta a tua oferta ao pé do meu altar — diz Deus — e não estiveres reconciliado com teu próximo, vai primeiro reconciliar-te com ele, e então aceitarei a tua oferta. — Ao mesmo modo, e debaixo da mesma condição, se une Cristo ao Padre no sacrifício de seu Corpo. Assim como Deus não aceita a oferta do homem antes de o homem estar reconciliado com o próximo, assim Cristo não se une ao Padre antes de o Padre se reconciliar com os homens: *Ut reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret*. Oh! Assombro! Oh! Prodígio do amor de Cristo para com os homens, ainda em respeito do Padre! O maior intérprete dos evangelistas, comentando este texto, infere dele que Deus em certo modo antepõe o amor do próximo ao seu próprio amor: *Dilectioni quodammodo sui proximi dilectionem anteponeit* (38). E se esta força tem a condição de estar primeiro reconciliado o homem com o próximo, para Deus aceitar a sua oferta, por que não terá a mesma consequência o estar primeiro reconciliado o Padre com os homens, para Cristo se unir ao Padre? E para que se veja quanta certeza tem isto que se chama em certo modo, ouçamos ao mesmo Cristo neste mesmo dia, e na mesma mesa em que instituiu o mesmo mistério: *Ipse Pater amat vos, quia vos me amastis* (Jo 16, 27): O Padre ama—vos a vós, porque vós me amastes.— A força deste porquê é igual em um e outro caso. Assim como o Padre ama aos homens porque os homens amam ao Filho, assim o Filho se une ao Padre porque o Padre se une aos homens. Logo, se amar o Padre aos homens, porque os homens amam ao Filho, é sinal de amar o Padre mais ao Filho que aos homens, também o unir—se o Filho ao Padre, porque o Padre se une aos homens será sinal de amar o Filho mais aos homens que ao Padre? A fé não pode afirmar que seja assim, mas o entendimento não pode negar que o parece.

CAPÍTULO VII

A partida do Cenáculo para o Horto. Semelhanças entre a história de Sansão e o amor de Cristo aos homens. Os dons do Espírito Santo, suborno com que o Padre rendeu o amor de Cristo. Concordância entre dois textos de S. Paulo e de Davi. Dificuldade nas palavras da despedida de Cristo a seus discípulos. A dilação da partida. A comparação das vides e do lavrador. O modo por que Cristo se apartou de seus discípulos: arrancando-se deles. Os extremos com que Cristo amou aos

homens: já que havia de deixar uma vez os homens por amor do Padre, deixou três vezes o Padre por amor dos homens.

Acabados os mistérios da sagrada Ceia, querendo o Senhor partir do Cenáculo para o Horto, onde finalmente se despediu dos seus para sempre, falou aos discípulos nesta forma: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio. Surgite, eamus hinc* (Jo 14, 31): Para que conheça o mundo quanto amo a meu Padre, e quão obediente sou a seus preceitos, levantai-vos, vamo-nos daqui. — Destas palavras se prova uma coisa certamente, e parece que se prova outra. A que se prova certamente é que não tinha Cristo neste mundo coisa que mais amasse que os homens, nem que mais lhe houvesse de custar que apartar-se deles, pois este era o maior exemplo e demonstração, por onde o mundo havia de conhecer quanto o mesmo Senhor amava a seu Padre. Mas daqui mesmo parece se prova com evidência — contra o que até agora queríamos argüir — que muito maior é, e muito mais pode com Cristo o amor do Padre que o amor dos homens, pois, custando tanto ao seu coração o deixa-los e apartar-se deles, em conflito de amor com amor, prevalece o amor do Padre. Assim parece, mas não é assim, antes das mesmas palavras de Cristo se convence o contrário, e que mais forte era no seu coração o amor dos homens que o amor do Padre. Provo. Porque o Senhor não diz que o leva e o aparta dos homens só o amor do Padre, senão o amor do Padre e mais a obediência do Padre: *Quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio* (39). Se o amor do Padre contendera só por só com o amor dos homens e prevalecera, então se inferia bem que era mais poderoso; mas se ele se não atreveu a entrar na contenda, senão acompanhado da obediência — a que não era lícito resistir — daí mesmo se infere claramente, e se convence, que se não fiava só das suas forças, nem foram elas só as que prevaleceram. Por que se não atreveram nunca os filisteus contra Sansão, senão quando Dalila o tinha atado? Porque reconheciam que Sansão era mais valente que eles. A Dalila, que atou as mãos ao amor com que Cristo amava os homens, foi a obediência; e como o amor, com que amava ao Padre, arcou com e1e estando com as mãos atadas, que muito é que prevalecesse? Assim foi vencido Sansão, sendo mais forte.

Mas ainda a sua história tem mais semelhanças do nosso caso. Não só foi vencido Sansão, porque o atou Dalila, mas porque foi subornado o seu amor. Para que o amor do Padre prevalecesse em Cristo ao amor dos homens, não só empenhou o Padre as razões do seu amor e os poderes da sua obediência, mas subornou o mesmo amor com que Cristo amava aos homens, para que não só como obrigado e obediente, mas como interessado, se deixasse render. E que suborno foi este? Foram os dons do Espírito Santo, os quais decretou o Padre que Cristo não pudesse dar ou mandar aos homens, senão depois de subir ao céu, e estar com o mesmo Padre: *Expedit ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos* (40). Vêde quão poderoso foi, e quão engenhoso juntamente o empenho do Padre para render e obrigar a Cristo a que se apartasse dos homens. Subornou-o com os dons que havia de dar aos mesmos homens, mas com condição e decreto que lhos não pudesse dar senão apartando-se primeiro deles. O amor de Dalila, como amor falso, deixou-se subornar dos dons que recebeu para si: o amor de Cristo, como verdadeiro, só pode ser subornado dos dons que recebeu para dar aos homens. Agora ficará bem entendido e concordado aquele encontro de S. Paulo com Davi, que tanta discórdia tem causado entre os expositores. S. Paulo diz que, subindo Cristo ao céu, deu dons aos homens: *Ascendens in altum, dedit dona hominibus* (Ef 4, 8). E Davi não diz que os deu, senão que os recebeu: *Ascendisti in altum, accepisti dona in hominibus* (41). Pois se

S. Paulo cita ao mesmo Davi, e Davi diz que Cristo, subindo ao céu, recebeu os dons, como diz e traslada S. Paulo, não que os recebeu, senão que os deu? Porque tudo foi. Recebeu-os do Padre para os dar aos homens. O mesmo Davi o declarou assim: *Accepisti dona in hominibus*. Não diz que recebeu os dons em si, senão que os recebeu nos homens: *in hominibus* — porque para os dar aos homens os recebeu. Desta maneira subornou o Padre o amor de Cristo com grande crédito do mesmo amor, o qual, quando é verdadeiro, só se deixa subornar das conveniências do amado: *Expediit vobis ut ego vadam* (Jo 16, 7): Vou-me porque a vós vos convém que eu me vá. Como se dissera o amoroso Senhor aos homens: Não é só o Padre o que me leva, também vós sois os que me levais. Não só vou para o Padre, porque é obediência sua, senão porque é conveniência vossa; não só porque o amo a ele, senão porque vos amo a vós. E se o amor do Padre nesta ocasião se valeu para com Cristo do mesmo amor dos homens, bem parece que amava mais Cristo aos homens que ao Padre. Se não fora assim, quando o evangelista disse: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, dissera: In tinem dilexit eum* (42); *mas como diz dilexit eos* (43), parece que nos confirma o mesmo parecer.

Vai por diante a prática, vai-se desafogando o amor, e sempre em novos argumentos a favor dos homens. Desenganados os discípulos da partida, por parte da obediência do Padre, forçosa, e por parte dos seus interesses, conveniente; outro motivo com que o benigníssimo Senhor os consolou foi a promessa de que ainda o haviam de tornar a ver, se bem por breve tempo: *Iterum modicum, et videbitis me, quia vado ad Patrem* (44). Da inteligência destas palavras duvidaram com tal admiração os discípulos, que se perguntavam uns aos outros: *Quid est hoc quod dicit nobis: Modicum, et quia vado ad Patrem* (45)? E, finalmente, se resolveu entre todos que nenhum deles sabia nem podia entender o que o Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur* (46). Notável caso! Se as palavras eram tão claras que todos as entendemos; como se não achou em toda a escola de Cristo quem as soubesse entender, e mais estando ali S. João, o qual, pouco antes, reclinado sobre o peito do mesmo Senhor, tinha aprendido e recolhido dele os tesouros da mais alta sabedoria? Contudo, todos eles confessaram que nenhum sabia nem entendia o que queriam dizer aquelas palavras. E o que menos as entendia era o mesmo S. João, porque entendia melhor que todos o que delas se entendia. Cada uma das partes da proposição era muito fácil, mas ambas juntas não cabiam em nenhum entendimento. Uma parte dizia que Cristo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem* — a outra parte dizia que o tempo que se detivesse na terra com os discípulos havia de ser pouco. *Modicum, et videbitis me*. — E que o tempo desta demora, sendo tempo quedilatava a Cristo a ida para seu Padre, houvesse de ser pouco, e muito pouco — que isto quer dizer modicum — esta era a dificuldade que os embaraçava, e se não deixava entender. E por quê? Porque dela se inferia, por natural conseqüência, uma grande implicação no amor de Cristo, a qual depois se declarou ainda mais, mostrando a experiência que aquela demora ou tardança foi de quarenta dias.

Não há coisa que mais alargue o tempo, na ausência e na saudade, que a dilação: as horas se fazem anos, e os dias séculos. Pois, se as saudades e desejos de Cristo subir ao Padre, eram quais deviam ser as de um Filho, e tal Filho, para ver um Pai, e tal Pai, depois de uma ausência de trinta e quatro anos, como podia ser breve tempo, e tão breve, o de tão larga dilação? O que daqui se inferia naturalmente, é que no coração do Senhor reinava outro afeto dominante, o qual, em oposição do amor do Padre, como mais poderoso que ele, estreitava as distâncias e encurtava os espaços àquele mesmo tempo. O tempo define-se: *Mensura primi mobilis*: a medida do primeiro móvel, e o primeiro móvel — neste

mundo pequeno, que chamamos homem, é o coração. Daqui vem que, segundo os movimentos do mesmo coração, pode o mesmo tempo, com diferentes respeitos, ser longo e breve. E tais se convencia pelo discurso serem, em respeito do Padre e — dos homens, aqueles quarenta dias. Para ir ao Padre, eram dias, e quarenta; mas para se deter com os homens, eram uns minutos ou momentos tão abreviados que não chegavam a fazer número. Isto queria dizer a palavra modicum, e muito mais a palavra vado. Suposto que o Senhor prometia aos discípulos que se havia de deter com eles algum tempo, parece que não havia de dizer vou, senão: hei de ir. Antes, mais propriamente havia de dizer não vou, ou não irei tão depressa que não tenhais tempo de me ver. Pois, se o Senhor não ia ainda então quando o dizia, nem depois de sua Ressurreição havia de ir, senão daí a quarenta dias, como diz que já naquele mesmo dia. e naquela mesma hora ia: Quia vado? — Porque como aqueles dias eram de estar com os homens, o amor dos mesmos homens os abreviava, unia e penetrava entre si de tal sorte, que não só cabiam todos, mas todos estavam resumidos àquela mesma hora. Por isso quando, segundo as leis do tempo, parece que havia de dizer hei de ir, segundo as experiências do seu amor, dizia vou: vado. Grande prova no mesmo texto evangélico.

Na madrugada do primeiro dos mesmos quarenta dias, que foi o da Ressurreição, o recado que, aparecendo o Senhor à Madalena, lhe deu, para que o levasse aos apóstolos, foi este: Diz a meus discípulos que vão esperar por mim a Galiléia, porquanto subo ao Padre: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum* (47). E como a Madalena se quisesse lançar a seus pés, proibiu-lhe o Senhor esta detença, dizendo que ainda não tinha subido ao Padre: *Nondum ascendi ad Patrem* (48). Pois, se o Filho não havia de subir ao Padre, senão daí a quarenta dias, como não diz que havia de subir, senão que já subia: Ascendo? E se aos apóstolos mando dizer que subia, à Madalena por que diz que não tinha subido: Nondum ascendi? Não se podia melhor declarar como todas as diferenças do tempo no coração e amor de Cristo estavam resumidas àquela hora. A madrugada da Ressurreição era a primeira hora dos quarenta dias, depois dos quais o Senhor havia de subir ao Padre; mas o amor e desejo de estar com os homens lhe faziam tão breves todos aqueles dias, que o princípio do primeiro lhe parecia já o fim do último. Por isso não diz que havia de subir, senão que já subia: ascendo. E assim como o mesmo amor e desejo, sendo o prazo tão distante, lhe fazia o futuro presente, assim, sendo a duração tão comprida, lhe fazia tão breve o mesmo presente, que já podia parecer passado. Por isso disse à Madalena que ainda não tinha subido: *Nondum ascendi*. No ascendo tinha dito *nomeadamente ad Patrem*, e no ascendi tornou a repetir do mesmo modo, ad Patrem, para que se veja os poderes que tinha no peito de Cristo, ainda em concurso do amor do Padre, o amor dos homens. E se o amor, na presença do que ama, abrevia o tempo, e na ausência o alonga, quando o mesmo tempo, enquanto dilatava a Cristo a partida para o Padre, lhe não parecia largo, e enquanto lhe permitia estar com os homens, lhe parecia tão breve, quem não julgará nesta diferença, que amava mais aos homens que ao Padre? Isto era o que naturalmente se inferia das palavras de Cristo, e esta foi a dificuldade ou implicação, porque, todos os apóstolos, e muito mais S. João, as não entendiam: *Nescimus quid loquitur*.

Houve de apartar-se, finalmente, o soberano Senhor, e porque este apartamento não causasse nos discípulos o que naturalmente costuma nos homens, exortando-os a estarem sempre unidos com ele por memória e por amor, lhes declarou a importância desta união com o exemplo da vinha, em que as vides não podem dar fruto senão unidas à cepa, e disse assim: *Ego sum vitis, vos palmites:*

Pater meus agricola est (Jo 15, 1. 5): Eu, discípulos meus, sou a cepa, vós sois as vides, e meu Padre é o lavrador. Aqui temos outra vez o Padre, os homens e o mesmo Cristo, que é todo o concurso da nossa questão, mas a pessoa do Padre não está aplicada como pedia a prepropriedade natural da parábola. Se Cristo se compara à cepa, e os discípulos às vides, parece que o Padre se havia de comparar a raiz, e não ao lavrador. Cristo é Filho do Padre, e os discípulos são filhos de Cristo, como o mesmo Senhor Ihes chamou nesta ocasião: *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum* (49). Filioli, diz. E quem poderá compreender a imensidade de amor que naquele diminutivo se encerra? — Pois, se os discípulos eram filhos de Cristo, e Cristo Filho do Padre, e ele se compara à cepa, e os discípulos às vides, por que não compara o Padre à raiz, como pedia a natureza da metáfora, senão ao lavrador? Porque o lavrador não está pegado à cepa, as vides sim. E neste dia parece que todo o cuidado do amor de Cristo era despegarse do Padre, e pegar-se aos homens. — Dos homens falava como de filhos, do Padre como se não fora Pai; ao Padre dava o nome do poder, aos homens o do amor; ao Padre como separado, aos homens como unidos. Enfim, semelhante àquela planta, que entre todas só sabe chorar apartamentos, sujeita, porém, como as demais, a não se poder apartar da terra sem se arrancar.

Chegado o Senhor ao Horto, e apartando-se dos discípulos para ir orar ao Padre, diz o Evangelista S. Lucas que se arrancou deles: *Avalsus est ab eis* (Lc 22, 41). Esta manhã ponderei este passo a outro intento: agora acrescento e noto mais que, apartando-se do Padre na mesma oração, e tornando aos discípulos, nem o mesmo S. Lucas, nem algum outro evangelista diz que se arrancou, senão que veio: *Venit ad discipulos suos* (Mt26,40). Pois, se quando vai dos discípulos para o Padre se arranca, quando vem do Padre para os discípulos, por que se não arranca também? Porque essa é a diferença de estar pegado, como dizia; ou não estar pegado. Quando se vai o que está pegado, arrancase; quando vem o que não está pegado, vem. Assim ia o Senhor quando ia, e assim vinha quando tornava. E se o ir dos homens para o Padre é arrancar-se, e o vir do Padre para os homens e somente vir, que havemos de dizer ou cuidar que parece isto, não notado por nós, mas advertido pelos mesmos evangelistas? O menos que se pode cuidar, e o muito que se não pode dizer, e que o amor de Cristo hoje amou mais aos homens que ao Padre.

Mas quem se atreverá a pronunciar por palavras o que o mesmo amor emudecido, por respeito, se não atreveu a significar, senão por acenos e por ações? Três horas durou aquela oração do Horto, e três vezes nas mesmas três horas veio o Senhor a visitar os discípulos, sem ser bastante o descuido com que os viu, e o desamor que neles experimentou, para não tornar uma e tantas vezes. E bem, Filho sempre amantíssimo de vosso Eterno Padre, ao mesmo Padre deixais vós, e tão repetidamente por vir aos homens? Não argumento por parte do respeito, que também pudera ter sua demanda neste caso: só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não é o Padre? Sim, e, nem pode deixar de ser. Pois, como se inquieta tanto o vosso coração, se está no seu centro? Dizer que o Padre era o centro do amor, e os homens o centro do cuidado, não é boa solução, porque o amor e o cuidado não se distinguem. Pois, se estais com o Padre só três horas, como três vezes em três horas deixais o Padre para vir aos discípulos? Sei eu, que três dias deixastes vós a Mãe, sobre todas as criaturas amadas, e a satisfação que lhe destes, foi que estáveis com vosso Padre. Mas isso foi então, e não no dia de hoje, em que os privilégios do amor dos homens não tem exemplo. Não entendo o que isto é, mas não posso deixar de dizer o que parece. Parece que também quisestes dar satisfação aos homens, e porque era tal que não cabia em palavras, com o amor, com o cuidado e com as ações, Ihes dissestes por última despedida:

quê? Ainda tremo de o pronunciar. Parece que nos quisestes dizer assim: — Já que neste dia hei de deixar uma vez os homens por amor do Padre, quero deixar três vezes o Padre por amor dos homens.

Agora sim que se desquitou bem o amor de Cristo. Porque se o amor do Padre — como vimos — foi tal que pudera dar ciúmes ao Filho, esta ação do amor do Filho e tal que pudera causar ciúmes ao Padre. Saul chegou a negar de filho a Jonatas, porque amava mais a Davi que ao próprio pai. E amanhã, quando se ouvir que o Padre deixa a seu Filho — *Ut quid dereliquisti me* (50)? — não faltará quem cuide que o Padre o deixa, porque ele também deixou ao Padre por amor dos homens. Mas e tanto pelo contrário que nunca tanto o Filho agradou ao Padre, nem o Padre o reconheceu mais por Filho, que por estes mesmos extremos com que amou aos homens: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*, (51): Hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho, pois em amar aos homens, como os amastes mostrastes bem ser Filho de vosso Pai. Porque, se eu no dia da Encarnação, que foi o primeiro, os amei tanto que parece amei mais aos homens que ao Filho, como haviéis vós de mostrar que éreis meu Filho no dia de hoje, que é o último, senão amando tanto aos mesmos homens, que pareça amastes mais aos homens que ao Padre?

CAPÍTULO VIII

Nas batalhas de menor a maior, quando o menor iguala o maior, o igualar é vencer. A luta de Jacó com o anjo e a competência do amor do Padre com o amor de Cristo.

Esta foi na competência de um dia com outro dia. e de um amor com outro amor; esta foi a igualdade do dilexit do Padre — *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret* (52) — e esta a igualdade do dilexit do Filho: *Suos, qui erant in mundo, in tinem dilexit eos* (53). Mas nesta mesma igualdade, em que se não conhece vantagem, consistiu como prometi — a vitória do amor de hoje E por quê, ou como? Porque Cristo, pela parte que tem de homem, é menor que o Padre, como ele mesmo nos. ensinou: *Quia Pater major me est* (54) — e nas batalhas de menor a maior, quando o menor iguala o maior, o igualar é vencer. Na luta que teve Jacó com o anjo, nem o anjo derrubou a Jacó, nem Jacó derrubou ao anjo, e, contudo, o texto sagrado, não só uma, senão muitas vezes celebra a vitória de Jacó, e por ela lhe mudou Deus o nome de Jacó em Israel, dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines praevaleris* (55). Pois, se Jacó não venceu o anjo, e o anjo somente reconheceu que o não podia vencer: *Cum videret quod eum superare non posset* (56) — por que se atribui a vitória a Jacó? Diga-se que não foi vencido, mas não se diga que venceu. Antes, porque não foi vencido, por isso mesmo se diz que venceu, porque, nas batalhas de menor a maior, o não ser vencido é vencer. Se a luta fora de homem a homem, ou de anjo a anjo, então era necessário derrubar um ao outro para ficar vencedor; porém, como era de homem a anjo, e de menor a maior, a igualdade no menor foi vitória, e o não ser vencido, vencer. Mas quem era este anjo, quem era este Jacó, e qual foi esta batalha? O anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti*; Jacó representava a Cristo, que muitas vezes na Escritura se chama Jacó e a batalha era de amor, que por essa razão foi luta que são abraços. E como nesta competência amorosa nem o Padre pode vencer o Filho, nem o Filho vencer o Padre, bem se conclui da mesma igualdade do amor de ambos que toda a vitória ficou pelo dilexit de hoje. *In tinem* — treslada S. Crisóstomo: *In victoriam dilexit eos*.

CAPÍTULO XIX

Os mais obrigados aos exemplos do Padre e de Cristo: os pais e os filhos. Se é necessário que deixemos o mundo, antes que ele nos deixe, que ocasião mais aparelhada e mais tidalga que deixa-lo quando quem o criou e nos criou o deixa? Oração.

Os despojos desta vitória pede o amor que sejam os corações dos homens, tão igual e tão excessivamente amados do Padre e do Filho. Muito sentiu o amoroso Senhor lhe faltasse um: *Cum diabolus jam misisset in corut traderet eum Judas* (57). E que seria se, entre os que tanto abominamos aquela ingratitude e deslealdade, houvesse muitos igualmente desleais, e, mais que o mesmo Judas, ingratos? Que seria, se quando o Padre e o Filho competem sobre qual há de amar mais aos homens, os homens vivêssemos como a competência de quem mais há de ofender ao Padre, que nos deu seu próprio Filho, e ao Filho, que se nos deu a si mesmo?

Os mais obrigados a este exemplo são os pais e os filhos: os pais, para que amem mais a Deus que aos filhos, por cuja causa muitos se condenam, e os filhos, para que amem mais a Deus que aos pais, por cujo temor ou respeito não tomam aquele estado em que mais se segura a salvação. Quantos pais ha que, por amarem falsa e erradamente os filhos e os quererem antes para o mundo que para Deus, hes impedem o servir a Deus? E quantos filhos que, por não desagradarem aos pais, nem se apartarem deles, deixam a Deus, e servem ao mundo? Oh! ditosas, bem entendidas e valorosas almas, vós que com tão animosa e prudente resolução deixastes a hierarquia desse coro tão alto, e desprezastes todas as promessas e esperanças do mundo, onde ele é mais mundo, e na idade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o metestes debaixo dos pés (58) ! Se Cristo hoje chamou seus aos que estavam no mundo: *Suos, qui erant in mundo* — só porque o mundo não estava neles, a vós, que não estais a no mundo, nem ele pode estar em vós para sempre, que nome vos terá dado o seu amor, e que lugar o seu coração? E se as filhas, em que a delicadeza e o mimo é tão natural, com tão galharda resistência e tão constante desapego, deixam as casas dos pais, e não lhes faz horror o claustro nem o cilício, nos filhos convosco falo nos filhos que nasceram com obrigações de maior valor, e o mostram tanto onde não convinha, por que se não verão semelhantes desenganos? Por que senão acabarão de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a desprezar o mundo, a conhecer o mundo, e o tratar como ele merece, e Deus nos merece?

Desenganemo-nos, que é necessario deixar o mundo antes que ele nos deixe. E que ocasião mais aparelhada, e ainda mais forçosa e mais fidalga, que deixa-lo quando quem o criou e nos criou o deixa? Será bem que se parta Cristo do mundo. *Ut transeat ex hoc mundo* — e que faça esta jornada só, sem haver quem o acompanhe e o siga? Que coração haverá tão esquecido de Deus e de si, que ouvindo aquele rebate, ou aquele pregão do céu; *Sciens Jesus quia venit hora ejus* (59) — lhe não cause um grande abalo na alma, e diga resolutamente consigo: Esta será também a minha hora? Nenhum cristão há de consciência tão perdida, que não faça conta de se converter e se dar a Deus alguma hora: e se há de ser alguma hora, que hora como esta? Oh! Como é para temer que quem se não aproveitar desta hora lhe falte outra? Se cada um de nós soubera a hora em que há de passar deste mundo, como Cristo sabia a sua: *Sciens quia venit hora ejus* — menos cegueira fora; mas se este secreto é oculto a todos, e ninguém sabe o dia nem a hora: *Quia nescitis diem, neque horam* (60) — por que havemos de perder tal

hora como esta, e tal dia como o de hoje? Tal dia como o de hoje, torno a dizer. Um dia em que se ajuntavam os dois maiores dias do amor e misericórdia divina.

O dia em que Jesus, nosso Deus e nosso Redentor, se parte do mundo, e o deixa, para que nós o sigamos, e o dia em que veio ao mundo, e deixou o céu, para que nós ao menos deixemos a terra. Oh! Mal dita terra, oh! Maldito mundo, que nenhum exem plo basta para te deixarmos, nenhum desengano para te conhecermos, nenhum amor de Deus, para te não amarmos?

Senhor Jesus: já que hoje esta vosso amor tão vencedor de tudo, vença também e triunfe destes corações, tão duros, tão ingratos, tão cegos. Abrandai, Senhor, esta dureza, convertei esta ingratidão, alumiai esta cegueira; trocai e transformai de uma vez a rebeidia destas vontades, para que só a vós amem, só a vós queiram, só a vós desejem, só por vós suspirem, só de vós esperem, só em vós vivam, só por vós morram, até que chegue aquela última e feliz hora de passar convosco deste mundo ao Padre. *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* — onde vos vejam, onde vos gozem, onde vos amem sem fim: *In finem dilexit eos*.

- (1) Sabendo Jesus era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como tinha amado os seus, amou-os até o fim (Jo 13, 1).
- (2) E vi um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco; e lhe foi dada uma coroa, e saiu vitorioso para vencer (Apc 6, 2).
- (3) Como tinha amado, amou (Jo 13, 1).
- (4) Porque o Pai é maior do que eu (Jo 14, 28).
- (5) Sabendo que ele saíra de Deus (Jo 13, 3).
- (6) E ia para Deus (Ibidem).
- (7) Assim amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho unigênito (Jo 3, 16).
- (8) Os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo 13, 1).
- (9) Na cabeceira do livro está escrito de mim: para fazer a tua vontade, Deus meu, eu o quis, e no íntimo do meu coração desejei se cumprisse a tua lei (Sl 39, 8 s).
- (10) Para que o mundo conheça que amo ao Pai, e que faço como ele me ordenou (Jo 14, 31).
- (11) Assim amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho unigênito (Jo 3, 16).
- (12) Quem contará a sua geração (Is 53, 8)?
- (13) Quem deu crédito ao que nos ouviu (Is 53, 1)?
- (14) O Senhor carregou sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53, 6).
- (15) O fruto do que a sua alma trabalhou; aquele mesmo justo meu servo justificará a muitos (Is 53, 11).
- (16) Não hei de beber o cálix que o Pai me deu (Jo 18, 11)?
- (17) Toma a Isaac, teu filho, a quem amas, e o oferecerás em holocausto (Gên 22, 2).
- (18) Agora conheci que temes a Deus, e não perdoaste a teu filho único por amor de mim (Gên 22, 12).
- (19) Não perdoaste a teu filho único por amor de mim (Gên 22, 12).
- (20) Ainda a seu próprio Filho não perdoou, mas por nós o entregou (Rom 8, 32).
- (21) Agora conheci (Gên 22, 12).
- (22) Um carneiro que estava embaraçado pelas suas pontas entre os espinhos (Gên 22, 13).
- (23) E pegando nele o ofereceu em holocausto em lugar do seu filho (Gên 22, 13).
- (24) Ambr. in cap. 23 Luc.
- (25) Moisés não vos deu o pão do céu, mas meu Pai é o que vos dá o verdadeiro pão do céu (Jo 6, 32).
- (26) Os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo 13, 1).

- (27) De passar deste mundo para o Pai (Jo 13, 1).
- (28) Antes do dia da festa da Páscoa (Jo 13, 1).
- (29) De algum modo terá ouvido as palavras de Rabsaces, que enviou o rei dos assírios para blasfemar o Deus vivente, e afrontá-lo com os discursos que o Senhor teu Deus ouviu (Is 37, 4).
- (30) Sabendo que o Pai depositara em suas mãos todas as coisas, começou a lavar os pés aos discípulos (Jo 13, 3. 5).
- (31) Todas as coisas me foram entregues por meu Pai (Mt 11, 27)
— Todas quantas coisas tem o Pai são minhas (Jo 16, 15).
— Todas as coisas que tu me deste vem de ti (Jo 17, 7).
- (32) Sabendo que ele saíra de Deus, e ia para Deus (Jo 13, 3).
- (33) O pai depositara em suas mãos todas as coisas (Jo 13, 3).
- (34) Começou a lavar os pés aos discípulos (Jo 13, 5).
- (35) Porque amou muito (Lc 7, 47).
- (36) Guerr. Serm. in Pent. Guil. apud Euseb. in Theopol. p.1, lib I, c. 4.
- (37) August. lib. 4, Trin. cap. 14.
- (38) Maldonat. ibi.
- (39) Porque arno ao Pai, e faço como ele me ordenou (Jo 14, 31).
- (40) Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, não virá a vós o Consolador, mas se for, enviar-vo-lo-ei (Jo 16, 7).
- (41) Subiste ao alto, tomaste dons para distribuíres aos homens (Sl 67, 19) .
- (42) De passar deste mundo ao Pai... amou-o até o fim.
- (43) Amou-os até o fim (Jo 13, 1).
- (44) Outra vez um pouco, e ver-me-eis, porque vou para o Pai (Jo 16, 16).
- (45) Que vem a ser isto que ele nos diz: um pouco, e porque vou para o Pai (Jo 16, 17)?
- (46) Nós não sabemos o que ele vem a dizer (Jo 16, 18).
- (47) Vou para o meu Pai e vosso Pai (Jo 20, 17).
- (48) Ainda nvo subo a meu Pai (Ibidem).
- (49) Filhinhos, ainda estou convosco um pouco (Jo 13, 33).
- (50) Por que me desamparaste (Mt 27, 46)?
- (51) Tu és meu filho, eu te gerei hoje (Hebr 1, 5)
- (52) Assim amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho unigênito (Jo 3, 16).
- (53) Os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo 13, 1).
- (54) Porque o Pai é maior do que eu (Jo 14, 28).
- (55) Se contra Deus foste forte, quanto mais o serás contra os homens (Gên 32, 28).
- (56) Vendo que o não podia vencer (Gên 32, 25).
- (57) Como já o diabo tinha metido no coração a Judas a determinação de o entregar (Jo 13, 2).
- (58) Alude às damas do paço, que naquela quaresma se fizeram religiosas.
- (59) Sabendo Jesus que era chegada a sua hora (Jo 13, 1).
- (60) Porque não sabeis o dia nem a hora (Mt 25, 13).

FIM